

RECENSÕES

Cuidar a democracia, cuidar o futuro

Grácio, Fátima (Org.) (2011). *Cuidar a democracia, cuidar o futuro*. Porto: Fundação Cuidar o Futuro.

O livro *Cuidar a Democracia, Cuidar o Futuro*, organizado por Fátima Grácio, inclui as participações num ciclo de debates da Fundação Cuidar o Futuro que decorreu em 2010. É muito interessante realçar que os temas deste ciclo de debates se fundam numa proposta original de Maria de Lurdes Pintassilgo, elaborada em 1996, mas cuja atualidade é inegável: 1) Democracia, direitos cívicos e sociais; 2) Responsabilidade – Fundamento ético da democracia; 3) Qualidade de vida e desenvolvimento social; e 4) Esquemas de produção e padrões de consumo; 5) Vulnerabilidade e solidariedade; e 6) Um novo contrato social. Em cada tema, académicos e líderes associativos ou profissionais vão trazendo os seus contributos para o debate, em muitos casos estabelecendo um fortíssimo e vívido diálogo com os escritos e o pensamento de Maria de Lurdes Pintassilgo. Deste modo, a visão de Maria de Lurdes Pintassilgo atravessa o livro, que também é uma oportunidade para lhe dar voz em diálogo com outros, numa diversidade de formatos escritos que nos desafiam a pensar o futuro e nos incitam a «cuidar» do futuro.

Alguns aspectos são particularmente salientes neste diálogo. Desde logo a indivisibilidade dos direitos sociais e cívicos que, seguramente, tem sido questionada e agravada pela crise dos últimos anos. A afirmação da cidadania como estratégia de inclusão e equidade tem sido desafiada pelas práticas do quotidiano, que revelam o seu carácter excludente, tanto para académicos como para os próprios cidadãos. A propósito da situação dos imigrantes na Europa, Seyla Benhabib (1999) lembra o quanto a cidadania europeia é definida a partir de critérios baseados em convenções – António Nóvoa (1996) falava de uma Europa para cá (e para lá) dos muros de Maastricht –, que colidem não apenas com os sentidos de identidade e pertença, como com a irreduzível igualdade entre as pessoas expressa nas declarações de Direitos Humanos. Curiosamente, esta dissociação entre direitos das pessoas e dos cidadãos é claramente internalizada, de forma que os próprios cidadãos se reconhecem como mais ou menos «merecedores» de direitos de cidadania. Num estudo com jovens de origem imigrante em Inglaterra, Ruth Lister e colaboradores (Lister, Smith,

Middleton, & Cox, 2003) revelam a clara dissociação entre cidadania e juventude expressa pelos próprios jovens, com o acesso ao trabalho a emergir como condição de acesso à cidadania – resultado, aliás, que encontramos também num recente estudo com jovens portugueses de origem nacional e imigrante (Menezes, Ribeiro, Fernandes-Jesus, Malafaia, & Ferreira, 2012).

Um interessante debate gera-se, também, à volta do reconhecimento da diversidade de formas de participação, especialmente nos contextos associativos e privilegiando lógicas mais participativas. Neste contexto é central a defesa da democracia paritária, numa reflexão a partir da inclusão das mulheres mas que certamente se poderia estender, na linha de Iris Marion Young (2000), a outros grupos. A participação assegura a expressão e gestão dos conflitos inevitáveis em democracia – o «regime problemático» de Ricouer, como nos lembra Cristina Beckert (no seu capítulo). Ora, o livro afronta as dificuldades derivadas da tensão entre direitos e práticas e as ameaças geradas pelas crescentes desigualdades e vulnerabilidades, que a atual crise tem vindo a reforçar num contexto de questionamento do modelo social europeu. Estas vulnerabilidades expressam-se em domínios muito diversos da existência individual e coletiva, da gestão da economia ao terrorismo, passando pelas catástrofes naturais e pela doença. Deste ponto de vista, percebe-se que as vulnerabilidades são claramente universais e incitam à assunção de uma ética do cuidado (ou da responsabilidade) assente na defesa da dignidade de todos e de todas. A dignidade é aqui reconhecida como dependendo do acesso à qualidade de vida e bem-estar, entendido nas suas componentes material, relacional e pessoal – o que implica repensar esquemas de produção e de consumo, mas também a própria gestão das vulnerabilidades, que passa tanto por um reforço das políticas públicas de apoio à qualidade de vida, como pelo incremento da solicitude e cuidado efetivo face a determinados grupos ao nível do Estado e da sociedade.

Os autores deste livro, de formas diversas, por vezes desiguais, e seguramente não consensuais, dão conta da visão de Maria de Lurdes Pintassilgo de uma democracia re-inventada, assente na participação ativa de indivíduos e grupos, em que se estreitam direitos cívicos e sociais, e em que a responsabilidade e a solicitude são transversalmente assumidas por indivíduos, sociedades e Estados de forma a lidar com as inevitáveis vulnerabilidades da existência humana. Só por isto vale a pena ler este livro em tempos de crise e de soluções supostamente unâmnimes: porque subscreveremos alguns capítulos e discordaremos seguramente de outros, mas reconheceremos aqui a pluralidade de interpretações que é a essência do pensamento democrático.

Isabel Menezes

CIIE – Centro de Investigação
e Intervenção Educativas, FPCEUP

Referências bibliográficas

- Benhabib, Seyla (1999). Citizens, residents and aliens in a changing world: Political membership in a global era. *Social Research*, 66(3), 709-744.
- Lister, Ruth, Smith, Noel, Middleton, Sue, & Cox, Lynne (2003). Young people talk about citizenship: Empirical perspectives on theoretical and political debates. *Citizenship Studies*, 7(2), 235-253.
- Menezes, Isabel, Ribeiro, Norberto, Fernandes-Jesus, Maria, Malafaia, Carla, & Ferreira, Pedro D. (2012). *Agência de participação cívica e política: O papel dos jovens e dos imigrantes na construção da democracia*. Porto: Lipsic.
- Nóvoa, António (1996). L'Europe et l'éducation: Éléments d'analyse socio-historique des politiques éducatives européennes. In Thyge Winther-Jensen (Ed.), *Challenges to European education: Cultural values, national identities, and global responsibilities* (pp. 29-79). Sonderdruck: Peter Lang.
- Young, Iris M. (2000). *Inclusion and democracy*. Oxford: Oxford University Press.